



Resenha: BELTING, Hans. Florencia y Bagdad. Una historia de la mirada entre o Oriente y Occidente. Traducción Joaquín Chamorro Mielke. Revisión cinetífica Jesús Espino Nuño. Ediciones Akal, S. A., 2012.

André Luiz Rocha Mattos Caviola¹

Hans Belting (1935-2023) é um historiador da arte alemão, reconhecido por uma vasta produção. Sua abordagem transita por temáticas variadas, com incursões pela arte medieval, renascentista, moderna e contemporânea, como também, a

¹ Doutorando em História, na linha de pesquisa História e Culturas Políticas pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), contemplado pela CAPES-PROEX. Mestre em Artes (2022), na linha de pesquisa Processos de Formação, Mediação e Recepção pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Especialista em Análise e Gestão do Patrimônio Cultural (2020) e Licenciado em História (2018), ambos pelo Centro Universitário de Belo Horizonte (Uni-BH). É professor efetivo de História, no ensino básico estadual (SEE-MG) e realiza pesquisas sobre a relação entre música e sociedade, a partir de uma perspectiva interdisciplinar entre arte, história e estudos musicológicos. andrecaviola@live.com / <https://orcid.org/0009-0002-1898-9622>.

teoria da imagem e da arte. Segundo informações biográficas disponíveis², atuou como docente de História da Arte nas Universidades de Heidelberg e Munich. No ano de 1992, foi o cofundador da Escola de Novas Mídias³, em Karlsruhe, onde criou as disciplinas de Teoria da Arte e Estudos das Mídias. Em 2003, ocupou a cátedra europeia⁴ na Escola Secundária Francesa⁵, em Paris, onde apresentou uma série de conferências públicas intituladas a “história do olhar”. Como professor visitante, lecionou nas universidades norte americanas de Harvard, Columbia, Chicago, Northwestern e Washington; e na Escola de Estudos Avançados em Ciências Sociais⁶, em Paris. Atuou entre os anos de 2005 e 2007, como diretor do Centro Internacional de Pesquisa para Estudos Culturais da Universidade de Arte e Design Linz⁷, em Viena. Belting também integrou várias sociedades internacionais, como a Sociedade Filosófica Americana⁸, na Filadélfia; a Academia de Artes e Ciências dos Estados Unidos⁹ e a Academia Medieval da América¹⁰, ambas em Cambridge; a Academia Europeia¹¹, em Londres; e o Ateneu¹², em Veneza.

Sua produção, a maior parte publicada originalmente em alemão, foi traduzida para vários idiomas. Para o português, por exemplo, publicaram *O Fim da História da Arte* (1995), com tradução de R. Nascimento, pela Cosac Naify, em São Paulo; *Antropologia da Imagem* (2002), com tradução de A. Morão, pela

2

Para a elaboração desta minibiografia do autor foram consultados alguns endereços eletrônicos, como o do Fórum Permanente, ligado à Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (USP), disponível através do link.: <<http://www.forumpermanente.org/>>; o YMAGO, que consiste em um projeto de divulgação de autores que pensam a imagem a partir de diferentes perspectivas, disponível através do link: <<https://web.archive.org/>>; e o endereço eletrônico do Departamento de História da Arte, da Northwestern University, disponível através do link: <<http://www.wcas.northwestern.edu/arthistory/>>.

3 Hochschule for Gestaltung.

4 Chaire européenne.

5 Collège de France.

6 École des hautes études en sciences sociales.

7 International Research Center for Cultural Studies University of Art and Design Linz (IFK).

8 American Philosophical Society.

9 American Academy of Arts and Sciences.

10 Medieval Academy of America.

11 Academia Europaea.

12 Ateneo.

KKYM+EAUM, em Lisboa; *A Verdadeira Imagem* (2005), com tradução de A. Morão, pela Dafne, no Porto; e *Semelhança e Presença: a história da imagem antes da era da arte* (2010), tradução de G. Vasconcellos, pela Ars Urbe, no Rio de Janeiro.

A obra *Florenz und Bagdad. Eine westöstliche Geschichte des Blicks*, que em uma tradução livre para o português seria algo como *Florença e Bagdá: uma história do olhar entre o Oriente e o Ocidente*, foi publicada originalmente em alemão, pela editora C.H. Beck, sediada em Munique, no ano de 2008. Posteriormente, traduziram-na para o espanhol, inglês, francês, italiano e turco, porém, ainda não existe uma versão no idioma português¹³. As análises e reflexões apresentadas neste estudo desenrolaram-se, segundo o autor, após a primavera de 2003, quando lecionou o curso *História do Olhar*, na Escola Secundária Francesa, e se propôs a considerar rigorosamente a questão da imagem e do olhar, vinculada a mudanças de perspectivas entre a cultura ocidental e oriental. Após essa experiência inicial, as ideias voltaram a ser debatidas em outras ocasiões de cursos e congressos acadêmicos, como os ocorridos no ano de 2006, na Fundação Thysson, da Universidade Humboldt de Berlim, em 2007, no Congresso da Academia Europeia, em Toledo, e no Congresso de Arabistas e Historiadores da Ciência, realizado na Universidade de Artes de Berlim.

O objeto de pesquisa do autor é a investigação da perspectiva a partir da história do olhar. Para Belting, a imagem em perspectiva representou pela primeira vez o olhar de um espectador sobre o mundo, ao mesmo tempo que foi responsável por transformar o mundo em um olhar sobre si mesmo e o outro. O contexto que a perspectiva como a conhecemos no ocidente surgiu pertence também ao momento do descobrimento do horizonte, um novo conceito de espaço. É o momento, também, do surgimento do sujeito moderno, que busca uma posição, num sentido literal, frente à imagem perspectivada e nessa posição descobre a si mesmo. Porém, o autor ressalta que o conceito de perspectiva possui entendimentos diferentes,

13 Para a realização desta resenha foi considerada a edição espanhola, elaborada pela Ediciones Akal, S. A., no ano de 2012.

quando considerado o seu significado para a história da ciência e a história da arte. Para este último, a perspectiva consiste em representar um espaço tridimensional em uma superfície bidimensional. Para alcançar esse efeito, as imagens são elaboradas a partir da projeção do olhar de um observador. Por sua vez, para a história da ciência ocidental, o termo perspectiva já era corrente no mundo medieval, antes mesmo do Renascimento introduzi-lo na arte. Tratava-se de uma teoria da visão de origem árabe que, somente no século XVI, assimilaram ao conceito antigo de óptica.

Para explorar a perspectiva entre a história da arte e a história da ciência, Hans Belting propõe o estudo das tradições ocidental e oriental. Dessa forma, no título de seu trabalho, Florença equivale ao Renascimento, momento de decodificação da perspectiva; e Bagdá, centro do mundo árabe e, simbolicamente, da ciência árabe, por sediar o Califado Abássida, terceiro califado islâmico, fundado pelos descendentes de Abas Ibne Abeadl Mutalibe, tio mais jovem de Maomé.

A partir dessas duas referências, o argumento apresentado pelo autor ao longo do livro é de que a técnica da perspectiva se baseou em uma teoria de origem árabe, uma teoria matemática de raios visuais e da geometria da luz. Em outras palavras, uma teoria da visão, que tem como referência os raios visuais se transformou em uma teoria da imagem que se projeta a partir da figura de um observador. Para realizar esse percurso, Hans Belting apresenta sua proposta teórica e metodológica de pensar as duas culturas em um mesmo contexto, em que ambas aparecem juntas uma da outra em sua singularidade. Segundo o autor, tal posição permite contrastá-las mais vivamente do que quando são tomadas enquanto parte e explicadas a partir delas mesmas. Seu objetivo é colocar as duas tradições em igualdade, sem estabelecer juízos de valor entre si, para evitar – ou pelo menos recorrer a tentativa de se limitar – uma interpretação histórica etnocêntrica, que há muito tempo caracteriza o olhar ocidental quando contempla outras tradições.

A essa escolha assumida pelo autor, ele atribui o nome de *mudança de perspectiva* e justifica que essa forma revela que as culturas que integram esse tema tiveram uma larga trajetória comum que se encontraram e se inspiraram mutuamente. A própria arquitetura do texto se organiza de maneira que cada capítulo se encerre com uma mudança de perspectiva em direção à outra cultura e, dessa maneira, avance em direção ao seu argumento. O texto de Belting é organizado em seis capítulos: 1. A perspectiva e a questão das imagens: caminhos entre o Oriente e o Ocidente; 2. O olho subjogado: a crítica do olhar no Islã; 3. A medição da luz por Alhazen: a invenção árabe da câmera obscura; 4. A percepção como conhecimento: a transformação da teoria da visão em teoria da imagem; 5. A medida do olhar por Brunelleschi: perspectiva matemática e teatro; 6. O sujeito na imagem: a perspectiva como forma simbólica.

Os três primeiros apresentam um panorama sobre a história da perspectiva, enquanto o quarto capítulo explora a transformação do que era uma teoria árabe em uma nova teoria renascentista da imagem. Por sua vez, os dois últimos capítulos se destinam a ampliação do entendimento do que são formas simbólicas, tanto na cultura ocidental quanto na oriental, e da própria perspectiva, ao discorrer sobre o cenário teatral e o papel da representação dramática na cultura visual do ocidente como linguagens que carregam a decodificação da perspectiva e que é possível reconhecer formas simbólicas, assim como as imagens produzidas pela cultura do renascimento. E, no caso da tradição árabe, na geometria das *muqarnas* e na rede conhecida como *mashrabiyya*, que também podem ser consideradas enquanto formas simbólicas para a cultura árabe e islâmica, distanciando-se da definição que as interpreta apenas como elementos decorativos.

Ao explorar em sua narrativa a historicidade do olhar entre duas culturas que, ao longo dos séculos alternaram sua convivência entre formas pacíficas e não pacíficas e, até hoje, eventualmente, manifestam hostilidades entre si, Belting a partir de sua investigação histórica restitui a riqueza do ponto de vista da construção do pensamento científico e artístico a partir dos pontos de contato entre ambas. Para o autor, o tipo de distinções feitas pressupõe sempre uma unidade, no

qual as duas tradições se encontram em um lugar. Só onde há elementos comuns é que se pode falar de diferenças. O que é preciso, argumenta Belting, é de um conceito de cultura que não seja marcado pelo choque, o enfrentamento, mas que tenha como tema as fronteiras permeáveis e as torne visíveis em sua história.

Para operar com o conceito de cultura consequentemente descrita, Hans Belting recorreu aos autores Ilija Trojanow e Ranjit Hoskoté, que juntos publicaram a obra *Renúncia ao Confronto: as culturas não lutam entre si, elas fluem juntas*¹⁴, em uma tradução livre, no ano de 2007, em Munique. Segundo os autores, definir a própria identidade cultural e pertencimento através da demarcação de certas características não faz sentido porque é impossível. A tentativa de preservar uma pureza pseudocultural através da supressão de “influências prejudiciais” tem falhado e deve continuar a falhar. Os autores demonstram que a confluência de culturas é uma lei natural que determinou as nossas vidas durante milhares de anos, num processo dinâmico que tornou possível as diferentes civilizações. Apesar dessa constatação, Trojanow e Hoskoté não corroboram com a hipótese de que essa confluência seja um processo pacífico, pelo contrário, ele envolve uma série de disputas e tensões que matizaram o percurso de fruição entre ambas. Adotar tal perspectiva, segundo Hans Belting, é reconhecer uma história comum em que a Europa ficou para sempre marcada pela cultura árabe e pelas suas relações com a Índia. Ainda de acordo com o autor, ocorreu somente com a colonização moderna que essas barreiras absolutas ao pensamento que dividem o mundo de hoje vieram à tona.

A partir dessas escolhas teóricas e metodológicas, Belting realiza um longo percurso a partir do seu objeto de pesquisa. Ao longo das páginas, dos argumentos apresentados e dos diversos elementos analisados, fica evidente o caráter cultural das formas de se projetar a visão, interpretar o mundo e construir significados sobre a existência. As escolhas do autor merecem destaque, uma vez que considerou realizar comparações entre a cultura Ocidental e Oriental para evidenciar o que

14 O título original da obra é: *Kampfabsage. Kulturen bekämpfen sich nicht - sie fließen zusammen*. Para além do alemão, ela foi traduzida para o idioma búlgaro e árabe.

cada uma possui de local e de específico, evitando estabelecer uma leitura sobre as influências e prevalecendo, dessa maneira, os pontos em que ambas se aproximam e se afastam. Ou seja, os exercícios de convergência e divergência que marcaram a relação entre as duas tradições. Ressalta-se, também, sua erudição e a habilidade em adentrar tantos domínios do conhecimento e estabelecer aproximações entre a história da arte e diferentes campos do saber, corroborando para a compreensão da arte enquanto ciência.

Recebido em: 20/11/23 - Aceito em: 18/01/24

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Una historia de la mirada entre o Oriente y Occidente de Hans Belting. Traducción Joaquín Chamorro Mielke. Revisión cinetífica Jesús Espino Nuño. Ediciones Akal, S. A., 2012.